

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

CARLOS ALBERTO VEIT

PEDRO E GABRIEL:
uma história de busca de plenitude

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CARLOS ALBERTO VEIT

PEDRO E GABRIEL:
uma história de busca de plenitude

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Orientadora: **Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão**

Porto Alegre

2023

CARLOS ALBERTO VEIT

PEDRO E GABRIEL:
uma história de busca de plenitude

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em
Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins

Prof. Dr. Luis Roberto Amabile

Porto Alegre

2023

Dedico este trabalho à memória dos meus pais,
Angelina e Alberto Augusto,
os verdadeiros heróis da minha vida.

Agradeço a todos os professores e professoras deste curso e também aos meus colegas. Todos contribuíram para minha formação e me aceitaram de modo que eu me sentisse em casa.

Agradeço de modo especial a minha orientadora, Prof^a Janaína Baladão, a quem aprendi a admirar por ser tudo aquilo que eu sempre quis encontrar numa verdadeira mestra.

O homem tem corpo e mente, mas é espírito.

Viktor Frankl

RESUMO

Este trabalho está dividido em duas partes: uma criativa, em forma de novela, e uma teórica, em forma de ensaio. Na parte criativa apresento a história de dois amigos. Eles se conheceram no colégio, na época do Ensino Fundamental, quando ainda eram adolescentes. Apesar da grande afinidade existente e valores semelhantes, eles tinham personalidades diferentes. À medida que o tempo foi passando e a idade adulta chegou, ambos tomaram rumos distintos em suas vidas. Os dois querem ser felizes, mas vão ter de passar por muitas experiências durante anos para saber se a opção que fizeram na vida os conduziu ao destino almejado. A novela retrata a grande dificuldade que toda pessoa tem de saber o que fazer de sua vida, de saber o que fazer de sua liberdade. Na parte teórica, investigo aspectos da psicologia do desenvolvimento, mostrando características de personalidade dos adolescentes, dos adultos jovens e da maturidade plena. Também aprofundo as diferentes fórmulas de felicidade apontadas por filósofos ao longo de séculos, assim como a contribuição da psicologia para o entendimento do que dá sentido à vida.

Palavras-chave: Escrita criativa. Adolescência. Motivação. Felicidade. Maturidade. Sentido da vida.

ABSTRACT

This work is divided into two parts: a creative one, in the form of a novel, and a theoretical one, in the form of an essay. In the creative part, I present the story of two friends. They met in high school, during elementary school, when they were still teenagers. Despite their great affinity and similar values, they had different personalities. As time passed and adulthood arrived, both took different paths in their lives. They both want to be happy, but they will have to go through many experiences over the years to know if the choice they made in life led them to their desired destination. The soap opera portrays the great difficulty that every person has in knowing what to do with their life, in knowing what to do with their freedom. In the theoretical part, I investigate aspects of developmental psychology, showing personality characteristics of adolescents, young adults, and full maturity. I also delve into the different happiness formulas pointed out by philosophers over the centuries, as well as the contribution of psychology to understanding what gives meaning to life.

Keywords: Creative writing. Adolescence. Motivation. Happiness. Maturity. Sense of life.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
2 UMA AMIZADE PARA TODA A VIDA.....	10
3 A VISÃO DO ALTO DA MONTANHA.....	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A realização deste trabalho é para mim uma experiência gratificante por várias razões. Através dele cumpro a derradeira tarefa acadêmica do curso de Escrita Criativa, ao refletir sobre aspectos importantes da minha vida e aprofundar temas que considero essenciais para quem quer saber como realmente viver bem a sua existência.

Na primeira parte, a criativa, apresento uma novela. Nela, eu conto a história de dois amigos que se conhecem desde os tempos de colégio na época do Ensino Fundamental. Eles têm muitas coisas em comum e a afinidade é evidente. Muitos sonhos e atividades dentro e fora do colégio são compartilhados. Nem o fato de cursarem cursos de graduação diferentes diminuiu o apreço entre ambos.

Na vida adulta, porém, as decisões que eles tomam em relação à vida são bem diversas, até porque um deles demonstra ser mais teórico, espiritualizado e conservador, enquanto o outro é mais prático e mais ligado aos prazeres materiais. Ocorre um afastamento por décadas até o reencontro já na terceira idade.

Na parte teórica, o meu ensaio aborda diversos assuntos, sendo que inicialmente trata sobre a amizade. No decorrer do texto vou tratando de temas como a psicologia da personalidade, à medida que os dois personagens vão avançando em idade. Certamente os aspectos psicológicos vão se alterando com o passar do tempo e as aspirações existenciais vão mudando.

Outro assunto que trato no ensaio é a questão da motivação. Eu busco subsídios tanto na filosofia quanto na psicologia para retratar as diferentes visões do que seja a felicidade.

Na psicologia eu dou destaque para a teoria de Viktor Frankl (1905-1997), criador da Logoterapia, que coloca a busca e realização de sentido como fundamental para a plenitude humana.

Espero que este TCC seja de bom proveito não só para mim, mas para todos que o lerem. Sendo assim, só me resta desejar uma boa leitura a todos.

2 UMA AMIZADE PARA TODA A VIDA

PEDRO E GABRIEL: uma história de busca de plenitude

O começo de tudo

Naquele dia, Pedro acordou com uma ideia fixa na mente: conversar com Gabriel e compartilhar suas angústias. O amigo era como uma referência de mundo para ele e até o fato da forma como os dois se conheceram parecia dizer que estavam predestinados a se encontrarem.

Dizem que o mundo está se tornando uma aldeia onde todos se conhecem e, às vezes, isso parece se confirmar. Pedro e Gabriel se conheceram quando tinham 15 anos através de uma série de coincidências. Ambos foram estudar no mesmo colégio na capital gaúcha em março de 1970. Além disso, os pais, sem eles saberem, já se conheciam, pois tinham a mesma profissão.

Os dois amigos, sem se combinarem, decidiram entrar para o grupo de escoteiros do colégio e, é claro, gostavam muito de jogar futebol, especialmente futebol de salão, como todo garoto daquela época.

Como se isso não bastasse, os dois foram estudar alemão, além do inglês, que era obrigatório. Os dois também participavam de um grupo de jovens, coordenado por um padre jesuíta do colégio. Pode-se dizer que surgiu uma afinidade instantânea e muito forte entre eles.

Como as aulas eram de manhã, Pedro combinou com Gabriel de se encontrarem de tarde, na casa de um ou de outro. A desculpa era para fazer os temas da escola, mas era mais uma forma para poderem ter tempo para aquelas longas conversas sobre planos para o futuro. Havia mais colegas no grupo mais próximo na sala de aula, mas nada que se comparasse com a amizade dos dois.

Como todo o adolescente, Pedro e Gabriel eram sonhadores e imaginavam viagens, casas com piscina e, logicamente, garotas. Eles tinham, porém, um grande problema em comum: ambos eram de classe média e a maioria daqueles sonhos necessitava de muito dinheiro para ser realizado.

O pior é que o colégio em que estudavam estava repleto de jovens da alta sociedade, o que os deixava, digamos, num patamar inferior aos demais. Isso se refletia nas roupas, nos relógios, nos tênis, nos passeios de fim de semana, nos carros dos pais e no pouco interesse que a maioria das garotas tinha por eles.

— Gabriel, como vamos fazer para ficarmos ricos?

— Para de se preocupar com isso. O que é pra ser teu vai dar um jeito de te encontrar.

“Mas que mundo é injusto, isto é”, se queixavam eles, enquanto observavam colegas muito medíocres serem bajulados pelo visual de luxo que exibiam. “Um dia, quem sabe, chegaremos lá!”, sonhavam os dois.

Enquanto esse dia não chegava, se dedicavam a estudar muito. Eles só tinham uma alternativa: passar em uma universidade pública, pois certamente não teriam dinheiro para pagar uma universidade privada. Como distração restava praticar esportes, ler, ir ao cinema, caminhar muito (afinal, eram escoteiros), acampar e ouvir os discos de vinil da moda.

Vez ou outra eram convidados para os aniversários ou para as reuniões dançantes da turma, que ocorriam geralmente nas garagens das casas maiores e sob a supervisão atenta dos pais.



O colégio onde tudo começou

Pedro era mais quieto, mais introspectivo e cauteloso. Adorava jogar xadrez e tinha uma estatura de quase 1,80 metros, como Gabriel. Gostava de estudar matemática e procurava colocar números em tudo. Por exemplo, ele dizia para seu amigo:

— De zero a dez, quanto está a tua fome?

Se passasse de oito, o caso era sério.

Já Gabriel era mais esportivo, mais impulsivo e gostava de biologia. Como o pai, queria ser agrônomo. Pedro estava mais inclinado para a engenharia. Pode-se dizer que um era mais prático, enquanto o outro era mais teórico.

Tudo estava se caminhando para uma vida comum, rotineira, como muito dos jovens daquela época. Os dois passaram no vestibular e fizeram 18 anos já no primeiro semestre de faculdade.

Como continuavam sonhando com dias melhores, um dos seus maiores desejos era ganhar na maior loteria da época, que era a loteria esportiva.

— O que tu farias se ganhasse uma bolada? – indagou Pedro a Gabriel.

— Não sei exatamente, mas iria aproveitar a vida. E tu?

— Eu iria dar um tempo na vida. Parar para pensar. Passar desapercibido seria um jogo divertido; afinal, contar para quem? Confiar em quem? Só para os familiares muito próximos.

E assim passavam-se os meses e os anos. Namoros eram ocasionais, mas nada que pudesse ser muito sério, pois antes eles tinham que se formar e arrumar um bom emprego. Algo, porém, estava por acontecer e mudaria significativamente a vida dos dois.

Uma mudança radical

Aconteceu que em uma determinada época o prêmio da loteria acumulou e eles, pela primeira vez, decidiram juntar dinheiro e apostarem juntos. Estavam com 20 anos e, mesmo que não ganhassem nada, valia a pena pelo sonho de mudarem de vida para melhor.

Pedro, mais incrédulo, nem conferiu o resultado, mas se assustou quando de noite recebeu um telefonema de Gabriel, que gritava de um orelhão:

— Cara! Nós ganhamos!

— Como assim?

— Tu tá surdo, infeliz? Estamos ricos!

— Quantos ganharam?

— Não sei, mas vem dinheiro gordo por aí!

- Melhor esperar o rateio. E se vinte ganharam?
- Larga de ser pessimista. Nunca aconteceu isso.
- Em todo caso, é melhor esperar antes de comemorar.

No outro dia, eles ficaram sabendo que eram os únicos acertadores. Ganharam uma quantia extraordinária, uma verdadeira fortuna para cada um. Nem precisariam mais trabalhar e poderiam passar a vida passeando e se divertindo.

Gabriel logo pensou em se casar, mas refletiu melhor e decidiu antes aproveitar bem seus anos de juventude; afinal, o tempo não volta.

Pedro foi mais cauteloso, mas também cometeu alguns pequenos exageros, como comprar muitas roupas, uma nova eletrola e um rádio-gravador, um sonho antigo de consumo e que estava na moda na época.

Poucas pessoas suspeitaram que agora ele era milionário, pois agiu com muita discrição. Até decidiu terminar o curso de engenharia, mesmo não se interessando mais por aquilo. Enquanto isso, ele decidiria o que fazer da vida.

Difícil foi esconder a euforia de Gabriel. Como ele era mais expansivo, continuou estudando, mas começou a gastar a rodo. Ele até comprou um carro zero quilômetro bem caro. Quando lhe perguntaram de onde havia tirado o dinheiro, ele dizia que havia ganho de uma tia-avó de Alegrete, fazendeira, que morrera, sem filhos, e lhe havia deixado uma boa herança.

Mudanças levam a decisões

O tempo passou rápido e, aos 22 anos, tanto Pedro quanto Gabriel estavam formados. Agora não tinha mais por que protelarem o futuro: decisões precisavam ser tomadas. A desculpa de esperar pela formatura não servia mais.

Gabriel já estava decidido: iria morar sozinho, comprar uma fazenda e plantar soja. A terra lhe atraía de um modo irresistível. Queria criar raízes no chão onde havia nascido: São Sepé.

Pedro também foi morar sozinho, mas como sempre foi mais discreto. Ele adquiriu um apartamento normal em um bairro classe média perto do centro da cidade, daqueles que não chamam muito a atenção.

Tanto um como outro receberam uma formação cristã, mas Pedro levou mais a sério o que aprendera e se sentiu motivado a ajudar pessoas com dificuldades financeiras, como moradores de rua.

No bairro onde morava, vários mendigos já o conheciam e lhe chamavam de “padrinho”. Às vezes se tornava difícil saber quem era realmente necessitado ou quem só estava se aproveitando da bondade do jovem.

Outra mudança que Pedro notou em sua vida é que, por mais discreto que fosse, as pessoas perceberam que ele tinha subido na escala social. Antigos colegas começaram a lhe convidar para festas e as garotas passaram a se interessar mais por ele.

— Gabriel! Que mudança rápida! Será que agora passei a ser “bonito”, mais simpático e inteligente?

— Que nada, amigo. A vida é mesmo assim. A sociedade vive muito de aparências. Amizade sincera como a nossa é muito rara.

— Triste isso, mas verdadeiro – lamentou Pedro.

Outro fator de tristeza para Pedro é o desgosto amoroso. A garota que fora seu grande amor da adolescência, a que ele mais gostara na vida, aquela do tipo “primeiro e grande amor”, já havia se casado com outro, muito provavelmente porque ele era rico e ela não quisera esperar até o jovem se formar e trabalhar.

Apesar da mágoa, ele não conseguia esquecer a Bel (assim era o apelido do seu grande amor). A cada novo namoro, e mesmo sem querer, ele ficava comparando a atual com a sua grande referência feminina, mas nenhuma outra garota preenchia o vazio afetivo que ela deixara.

Por essas e outras, Pedro decidiu cursar Filosofia. Quem sabe estudando os grandes pensadores ele conseguiria ter mais clareza do que fazer da vida.

Já Gabriel esnobava e ostentava. Comprou cavalos de raça, construiu uma bela casa para sua fazenda e parecia trocar de namorada todos os meses.

Quem os conhecia há mais tempo geralmente comentava: eles são tão parecidos e ao mesmo tempo tão diferentes! O que será que a vida vai reservar para esses dois?

Outra mudança inesperada

Certo dia, Gabriel recebeu um telefonema interurbano. Era da Dona Cecília, mãe de Pedro, que parecia aflita. Ela disse:

— Faça alguma coisa pelo meu filho. Ele botou na cabeça que quer ir embora do Brasil para ser monge! Pode uma coisa dessas?

— Nossa! Eu não sabia de nada! Quando ele decidiu isso?

— Não faz muito tempo, uns três meses. Eu achei que ia passar, mas não passou, e tu bem sabes como ele é teimoso!

— Sim, teimoso e determinado, mas vou falar com ele. A senhora fique tranquila que é possível que ele ainda desista e continue por aqui.

Gabriel não pensou duas vezes. Pegou seu carro e foi para a capital conversar com seu grande amigo. Será que aquela decisão era irreversível?

Pedro ficou surpreso com a visita. Ele não sabia que sua mãe já havia informado o amigo sobre suas pretensões. No começo, a conversa girou em torno de generalidades, até chegar ao motivo real da visita.

Gabriel foi incisivo: por que queres mudar agora e de forma tão radical? Nunca havia me falado sobre seguir carreira religiosa.

A conversa foi longa e Pedro, como sempre, foi muito moderado, persuasivo e decidido. Ele dizia que estava desiludido com a sociedade, que não queria “comprar” uma namorada bonita para mostrar para os outros. A sua referência de sucesso era outra. Sua vida parecia vazia e sem motivações.

Ele almejava se sentir bem e ter paz, o que não estava conseguindo, mesmo com todo o seu dinheiro. Ele queria dar um tempo em sua vida e entendia que um mosteiro seria um excelente lugar para pôr sua cabeça em ordem. Como não estava mais achando prazer ou graça em nada, ele até temia que fosse entrar numa depressão.

Gabriel questionou a fundo o seu amigo, mas acabou entendendo seu ponto de vista e acabou lhe dando apoio.

— Para onde pretendes ir? Que tipo de padre pretendes ser?

— Não quero ser padre diocesano. São muito solitários. Quero ser um padre religioso, viver em comunidade. Tu te lembras do nosso grupo de jovens que refletiam sobre a vida todos os sábados? Aquilo me fazia muito bem.

— Qual congregação escolheste?

— A dos cartuxos.

Gabriel quase caiu para trás! A ordem dos cartuxos é a mais fechada e severa da Igreja Católica, mas ele já sabia que se o amigo estava decidido nada o faria voltar atrás.

— Amigo, respeito tua vontade, mas me promete uma coisa?

— O quê?

— Não fica lá só por ficar. Se não gostares, tu voltas?

— Prometo. Se não for como eu penso, eu volto.

Gabriel voltou para sua fazenda pensativo. Dirigia o carro devagar, sem pressa de voltar. Uma dúvida lhe invadia a mente: quando será que os dois se veriam de novo? Se é que se veriam.

Além do mais, ele tinha razão quanto à determinação de Pedro. Este deixou seus bens aos cuidados de parentes, arrumou suas coisas e em duas semanas estava embarcando para a França, rumo a uma nova, desconhecida e rigorosa vida.

Um novo mundo, uma nova vida

Foi tudo muito rápido, bem como Pedro queria. Aeroportos, passaporte, bagagens, táxi e, por fim, ele chegara às portas do famoso mosteiro cartuxo, onde ocorreu o início daquela ordem religiosa.

Olhar para aquele conjunto de prédios, já no entardecer, lhe fez estremecer. Era como estar em um filme, diante de um castelo mal-assombrado ou algo assim. O silêncio era sepulcral.



Um mosteiro cartuxo na França

“Será que mora alguém aí?” – pensou Pedro. Ele acionou a campainha, aguardou por uns minutos e foi recebido por um monge taciturno com hábito e capuz branco, que caracteriza os cartuxos.

O monge, sem nunca sorrir, o conduziu até seu quarto e lhe explicou brevemente o funcionamento e horários do mosteiro. Ele prometeu que no dia seguinte lhe mostraria tudo, depois virou as costas e se retirou.

Pedro ficou só com sua solidão, sem nem saber direito o que pensar. Ainda não tinha tirado a viagem do corpo e seus pensamentos estavam confusos. Naquela noite ele teve de rezar muito para poder adormecer. No dia seguinte ele já tinha de começar a conhecer e se acostumar com as regras do mosteiro.

Ele estava numa congregação que tinha o voto de silêncio, além dos três votos tradicionais: obediência, pobreza e castidade. Sendo assim, ele só podia se dirigir ao prior, que era o chefe da comunidade, e mesmo assim só para perguntas absolutamente necessárias. Os demais colegas só se falavam entre si nos domingos de tarde, das 14 às 16 horas.

Havia três reuniões diárias para orações, sendo que uma delas era a missa. Nesses encontros não havia conversas pessoais. Só se falava o que estava literalmente no contexto da liturgia.

Os quartos eram chamados de celas, todas individuais. Em cada cela tinha um espaço para dormir, uma pequena sala para estudar, um banheiro e um pequeno pátio. Tudo restrito ao mínimo necessário.

As refeições eram feitas na própria cela, pois os monges recebiam a comida por uma janelinha. Para sair da cela só para ir à capela rezar, à biblioteca para escolher algum livro ou para fazer algum trabalho manual, como na lavanderia, na horta ou na cozinha.

Pedro foi se sentindo muito atraído pela biblioteca. Lá ele tinha uma bela coleção de livros à disposição e podia ficar sozinho longe da sua cela. Era uma boa maneira de fugir da rotina, embora ele acreditasse que com o passar do tempo iria se acostumar com tudo aquilo.

Os monges não saem do mosteiro nunca, a não ser em caso de uma urgência médica. Eles não têm paróquias, não votam, não tiram férias, não recebem visitas e são sepultados no pátio do local onde vivem.

Eles mantêm o mosteiro com doações, com heranças que recebem e com a venda de uma série de conhaques que eles mesmos produzem há séculos, cujas fórmulas são secretas e que têm fama mundial.



O licor produzido pelos monges

Os monges também não têm acesso a rádio, jornal, televisão ou internet. Só o prior faz contato com o mundo exterior e informa os confrades em casos excepcionais, como morte de parente, troca de presidente ou morte do Papa.

Pedro ganhou um formador, que era outro monge, com o qual aprenderia filosofia e teologia. Se continuasse na congregação, faria os votos perpétuos e mais tarde seria ordenado sacerdote.

Além disso, ele teve de trocar de nome e teve de assumir uma nova identidade na vida religiosa, de modo a deixar para trás todo e qualquer resquício da vida anterior. Ele escolheu se chamar Jean Pierre.

Ele demorou a se acostumar com aquela rotina tão diferente da sua vida anterior, mas acabou gostando. Afinal, ler, escrever, meditar e rezar eram práticas habituais na sua vida, e o silêncio não o abalava.

Embora tivesse eventualmente saudades de casa, dos amigos e familiares, ele acabou se convencendo de que tomara a decisão certa. Cada dia que passava, ele lembrava ou sonhava menos com sua antiga vida.

Vivendo uma louca vida

Já Gabriel enveredou por outro caminho. Mulheres, vinhos caros, viagens a passeio, gastos extravagantes e muita ostentação faziam parte da sua rotina.

Ele não queria saber de preocupações ou de tristeza, nem parava muito tempo em sua propriedade. Contratou um administrador para sua fazenda de soja e só queria saber dos lucros obtidos ao final de cada safra.

Não demorou para Gabriel se tornar muito popular entre os jovens e boêmios da região. Ele gostava de patrocinar festas sem hora para acabar, de bancar viagens para a praia e participar de rodeios ou celebrações do gênero.

Aos 35 anos, a sua vida em São Sepé já era comentada e desaprovada por muitos. Tinha obtido a fama de beerrão e mulherengo, e isso prejudicava inclusive suas finanças.

Muitos investidores do agronegócio preferiam comprar a soja de alguém mais confiável, pois não queriam que ter sua imagem associada a uma pessoa tão desregrada.

Além disso, aqueles que ele considerava seus novos amigos também foram se afastando, fazendo com que ele concluísse que não passavam de amizades que se aproveitavam do seu dinheiro.

Em certa ocasião, durante os festejos do padroeiro da cidade, Gabriel conheceu Tânia, uma moça séria e de boa família. Os dois se encantaram rapidamente e iniciaram o namoro.

Ele agora estava querendo fazer tudo do modo tradicional. “Chega de maluquices” – pensou. Queria ter uma vida normal, constituir família e ser respeitado como um homem sério na comunidade.

Do namoro ao noivado foi rápido e, em seguida, ocorreu o casamento. Muita festa e badalação na cidade. Afinal, duas famílias tradicionais estavam se unindo para continuar a saga dos fazendeiros da região.

Em seis anos o casal já tinha três filhos e Gabriel levava uma vida, digamos, previsível para um fazendeiro responsável. De vez em quando, ele se lembrava de seu amigo em terras distantes, que vivia incomunicável. Como será que ele estaria? Será que estava feliz ou simplesmente conformado como ele?

Ele até escreveu uma carta ao mosteiro, endereçada a Frei Pedro, título que imaginava que seu amigo tinha, não sabendo que este havia mudado de nome. A carta foi devolvida ao destinatário. Frei Pedro não fora encontrado.

O passar do tempo

Pedro fez grandes progressos na Ordem dos cartuxos. Tornou-se monge, aprendeu vários idiomas, mostrou ter grande conhecimento, ter uma fé sólida e ganhou a posição de formador dos novos integrantes. Tudo isso em aproximadamente vinte anos.

Ele era um exemplo para a comunidade. A maioria dos membros de congregações religiosas vem do interior e são de baixa classe social. Pedro, pelo contrário, tinha deixado para trás não só uma vida de luxo, mas também sua terra natal, seus familiares, amigos e costumes.

Não é fácil tanta mudança, mas em pouco tempo ele já estava familiarizado com sua nova rotina moldada pela vocação.

Ele também se lembrava de Gabriel, mas não tinha a mínima ideia de como ele estaria. Podia até ter morrido e ele não ficaria sabendo, mas desejava que seu amigo estivesse bem. “Quem sabe um dia nós tenhamos a chance de nos reencontrarmos e contar tudo que estamos vivendo!” – sonhava.

Gabriel se separou de Tânia, mas não se aguentou muito tempo sozinho. Procurou uma amiga, que também estava separada, e casou-se novamente. Agora ele não queria mais filhos, pois já tinha três para criar. Queria companhia. Ao contrário de seu amigo, ele detestava o silêncio. Queria alguém para conversar, uma pessoa que escutasse suas histórias e, de preferência, que o admirasse e o achasse o máximo.

Outra novidade de Gabriel é que ele tinha ingressado na política. Candidatou-se a vereador na cidade. Ele gostava de percorrer os bairros para conhecer pessoas, conversar e distribuir “santinhos”. Sentia-se importante, um verdadeiro formador de opinião.

Por já ser muito conhecido na cidade e ter família, ele teve sucesso e foi eleito. Sua intenção era fazer o melhor possível para se manter na vida pública e, mais tarde, tentar ser prefeito e ter um programa na rádio local.

Suas ambições não tinham limite. Por que também não ser deputado estadual, federal ou governador? Ele se intitulava “um homem da terra” e fazia grandes planos para o futuro.

Já Pedro não tinha ambições externas, só internas: queria viver e morrer em paz. Fazer o melhor possível, deixar uma lembrança de homem de muita fé, talvez escrever um bom livro e partir para a eternidade. No entanto, mesmo em um ambiente tão seletivo e restrito, ele percebia que havia coisas que não deveriam estar acontecendo, tais como invejas, intrigas e falta de paciência e caridade entre os colegas.

Pedro pensava cada vez mais que nesse plano material não existe Paraíso, só no plano espiritual. Lamentava-se por isso e, às vezes, até pensava em abandonar tudo e voltar ao seu saudoso Brasil.

A vida é dinâmica

Quando Pedro fez 60 anos, ele foi comunicado pelo prior que sua mãe havia falecido aos 87 anos. Como prêmio por seu comportamento e vida dedicada à congregação, ele recebeu autorização para visitar o Brasil e ficar no país por um mês.

Ele iria aos funerais de sua mãe e iria tratar dos papéis da herança, além de ter tempo para saber como estavam seus bens. Ele não tinha patrimônio em seu nome, pois transferira tudo aos seus dois sobrinhos advogados antes de partir para a França.

Essa viagem de regresso o marcaria profundamente. Despedir-se da mãe já não era fácil. Teve de pensar, com certa culpa, como ela devia ter sentido a sua falta e se preocupado com ele. Ela morreu sozinha, de ataque cardíaco, sabe-se lá com tanta saudade do filho.

Uma das coisas que ele fez questão de fazer foi visitar a sua rua da infância. Caminhou lentamente por aquelas calçadas que lhe traziam tantas recordações. As janelas estavam todas gradeadas, os muros cada vez mais altos e os prédios ocupando o lugar de metade das casas. “Triste!”, falou para si mesmo.

Ele recordou que foi ali, na infância, que escreveu um esboço de jornalzinho do bairro, em que alertava principalmente para os cachorros ferozes que andavam à solta.

Lembrou também o futebol de rua e as pausas para tomar Grapette ou saborear os sorvetes que a carrocinha do Milk Mone trazia. Andar de carrinho de lombas já era mais arriscado, mas, naquela época, quase nada representava perigo. O medo era perder o ônibus Ayub e se atrasar para a aula, ou ser surpreendido por uma sabatina.

Uma semana após chegar à terra natal, Pedro foi ao encontro de Gabriel, lá na sua fazenda no interior do Estado. Houve muita emoção no reencontro e muita conversa para colocar em dia.

Não há como descrever a sensação que ele sentiu quando tomou um chimarrão com seu amigo na varanda da casa apreciando o pôr do sol nas coxilhas do Rio Grande. Ainda mais: ele podia conversar à vontade, o dia todo até, sem se preocupar com restrições monásticas.

— Amigo – disse Pedro, nos tornamos sexys! – falou e riu muito da frase proferida.

— Sim, somos sexagenários! Quem diria?!

— É tempo de revisar e repensar a vida.

— Falando nisso, o que aprendeste neste tempo todo recluso?

— Quantos dias eu tenho para responder? – falou Pedro rindo.

— O tempo que quiseres.

— Uma das coisas que aprendi foi me conhecer melhor. Tive décadas para me descobrir. Também aprendi a ter muito mais tolerância à frustração. Quantas vezes eu queria sair e passear! Conhecer toda a Europa! Em vez disso, eu conheci cada tijolo daquele prédio.

— Frustrante, não?

— De certa forma, sim. E quanto a ti? O “Casanova” dos pampas. O que aprendeste da vida?

— Essa foi profunda.... Tenho que pensar. Aliás, não estou tão acostumado a fazer isso como tu.

— Então te exercite e pense.

— Aprendi que as relações humanas são muito fugazes. Hoje tu estás bem, ou acha que estás bem, e amanhã pode mudar tudo. Minha segunda esposa me comunicou que ia embora de repente, sem nenhum aviso prévio. Pelo menos eu não havia percebido nada.

— E como pai? Te realizaste?

— Sim e não. Amo meus filhos. Foram eles que fizeram valer a pena o primeiro casamento. No entanto, quando eles são crianças, eles vivem em volta de ti, são uns amores. Agora que estão crescidos, o que eu observo? Os três se encostaram na fazenda e sutilmente já estão pensando em como repartir as terras quando eu morrer.

— Cruel, mas real, como tu me dizias antigamente.

— De verdadeiro e inquestionável restou a nossa amizade.

— E nós também tivemos nossos erros. Onde é que mais falhamos?

— Eu falhei em levar tudo de supetão. Não gostava de parar e pensar.

— E eu falhei por pensar demais. Minha insegurança me fez deixar de tomar decisões importantes. Qual pensador que isso tudo nos lembra?

— Não faço a mínima ideia!

— Buda! A incrível história daquele príncipe que largou tudo para encontrar a sabedoria.

— Ele encontrou? E onde está a sabedoria?

— Está no caminho do meio. Se nós juntássemos nossas experiências, daria uma vida equilibrada, com certeza.

— Pois é.

— E tem mais: aquele longínquo príncipe nunca escreveu nada e, mesmo assim, tem hoje cerca de 500 milhões de seguidores! Como o mundo precisa de sabedoria!

— Exatamente. Me fale mais sobre ele.

— Só vou dizer mais uma coisa, pois tem a ver conosco. Ele criou as quatro nobres verdades do Budismo. E sabes qual é a primeira?

— Não.

— A primeira é clara e cristalina: a vida é sofrimento!

— Cruzes! E como escapar disso?

— Bom, aí tu vais ter que estudar a teoria budista.

— Tá bem, mas quanto às nossas vidas? Ainda podemos ter esperança de dias melhores?

— O passado não volta, mas ainda temos muita vida daqui para a frente.

— O que queres dizer com isso?

— Da minha parte eu quero dizer que olhando a minha realidade na França aqui de longe, vejo que já cumpri minha missão por lá.

— E?

— E vou pedir para sair.

— Uaaaauuuu! E como vais viver? Professor de filosofia com essa idade? Difícil arrumar emprego.

— Não te esqueças que deixei meu dinheiro aplicado aos cuidados dos meus sobrinhos. Ainda tenho uma fortuna guardada. Vou voltar e me dedicar às coisas simples da vida, tais

como ajudar os necessitados, financiar grupos de proteção aos animais de rua, apreciar a natureza e parar de me cobrar tanto. Afinal, um certo grau de sofrimento é inerente a toda e qualquer vida.

— Tens razão, meu amigo budista! E eu vou tentar aprender a conviver mais comigo mesmo. Chega de depender tanto dos outros. Pensando na minha vida, eu nunca tive paz, pois estava sempre distante de mim mesmo. Eu tive alívio de tensões e vaidades absurdas. Tenho muito que aprender contigo sobre introspecção.

— E eu contigo sobre tomada de decisões. Ainda bem que nossa amizade continua.

— Essa é para sempre. Eterna.

— E por falar nisso, de zero a dez quanto está a tua fome?

— Nove e meio.

— Nossa! Então o caso é muito urgente!

E os dois foram caminhando em direção a um restaurante da cidade...

3 A VISÃO DO ALTO DA MONTANHA

Chegar no alto da montanha significa atingir a plenitude da vida para cada pessoa. Ela só é atingida por quem conhece seu potencial, sabe o que quer, avalia as possibilidades que tem e se põe a caminho, iniciando a escalada com motivação e forma decidida.

O dia do despertar

Resgatar memórias da infância é como garimpar pedras preciosas: uma atividade difícil, mas muito interessante e proveitosa, da qual se aprende muitas lições. Evidentemente nem todas as lembranças são agradáveis, mas, mesmo as mais melancólicas, trazem à tona muitas lições aprendidas e que vale a pena revitalizar.

Hoje percebo que eu era um garoto um pouco diferente dos demais: mais quieto, mais sério, que gostava de observar a natureza e a vida em sociedade. Nunca fui de fazer brincadeiras que agradavam os amigos da minha idade, como tocar campainhas e sair correndo. Eu achava tudo aquilo muito fútil.

Alguns me achavam esnobe, outros me achavam tímido e eu mesmo não sabia me definir, só sei que era diferente e não via necessidade nem vontade de mudar. Se fôssemos dividir as pessoas em dois grupos, teríamos os mais teóricos e os mais práticos. Certamente eu me incluiria entre os mais teóricos.

Um dia, não sei bem quando, mas acredito que tenha sido no início da adolescência, eu parei de procurar entender o mundo lá fora e passei a me interessar mais a entender a mim mesmo, ou seja, meu mundo interior. Aliás, esse é um processo que não tem fim, pois todos nós somos seres dinâmicos que continuamente se transformam e evoluem (assim espero).

Posso dizer que essa introspecção é a raiz do meu grande interesse pelas ciências humanas; afinal, entre as minhas oito graduações estão a filosofia, a psicologia e a teologia. Essa tríade continua me fascinando interminavelmente.

Um dos motivos do meu interesse por essas áreas do conhecimento é a preocupação de encontrar um verdadeiro sentido para a vida. Não quero simplesmente copiar a fórmula de viver da maioria, que parece só pensar em si, nos seus entes queridos e em ganhar muito dinheiro.

Quero chegar no fim da vida e perceber que contribuí de alguma maneira, mesmo que pequena, para que o mundo seja melhor.

Muito mais tarde, um dos autores que mais me influenciou na psicologia foi Carl Gustav Jung (1875-1961). Isso porque me identifiquei com ele em muitos aspectos. Ele também relatou que teve uma infância solitária e só quando tinha doze anos parece que o mundo se desanuviou para ele, e isso permitiu que ele vivenciasse uma fase de intensa introspecção.

Em sua autobiografia, intitulada *Memórias, sonhos e reflexões* (publicada em 1963), ele explica que, quando criança, ele se sentia sozinho porque sabia de coisas que os outros desconheciam ou que não tinham interesse em aprender, enquanto ele era um leitor apaixonado por novas ideias, principalmente as que remetiam ao mundo transcendental.

Algumas vezes ele se sentiu até envergonhado com seu interesse, mas, com o passar do tempo, ele descobriu que não estava errado, só que era diferente da maioria das pessoas. Sua capacidade de introspecção era acima da média.

Seus biógrafos assinalam:

Ele viu como a maioria das pessoas se afasta de uma experiência religiosa direta [...] Em parte como resultado de suas experiências interiores, Jung sentiu-se isolado das pessoas. Às vezes, ele se sentia intoleravelmente sozinho. A escola o aborrecia; entretanto, ele desenvolveu uma paixão pela leitura. (FADIMAN; FRAGER, 1979, p.43).

Ele parou de procurar fora o que estava escondido dentro de si mesmo (HANNAH, 2003). A partir de então, Jung foi construindo várias teorias a respeito da natureza humana que vigoram até hoje, o que o torna um pilar gigantesco da psicologia.

Um dos conceitos que ele introduziu foi o do inconsciente coletivo. Enquanto Freud lidava somente com o inconsciente pessoal, Jung ia além, dizendo “nenhuma criança nascia como uma tábula rasa” (HANNAH, 2003, p.16). O inconsciente coletivo abrange os níveis mais profundos do inconsciente que são comuns a toda a humanidade.

Esse meu interesse pela vida interior ocorreu concomitantemente com minha entrada na aula de alemão no Colégio Anchieta em 1970. Naquela turma eu fiz diversos amigos que permanecem até hoje unidos. Em março passado, parte da turma se reuniu para comemorar 53 anos de amizade.

Na época do então chamado ginásio, de tanto assistir a palestras, ir a retiros e conversar com colegas, eu acabei me defrontando com outra grande questão existencial: quem é afinal o

ser humano? Quem sou eu? Seremos todos iguais ou temos grandes diferenças individuais? Quem será que vai se dar melhor na vida: os quietos, os esportistas, os ricos, os despreocupados, os mais sociáveis, enfim, muitos tipos diferentes de pessoas chamavam a minha atenção.

Em seguida ampliei esse questionamento para indagar sobre o que eu queria na vida. Acho que todo jovem passa por situações semelhantes, mas eu decidi aprofundar muito mais essas questões. Eu queria ser o quê? Rico, famoso, genial, tranquilo ou o quê?

Por essas razões posso dizer que temas como amizade, espiritualidade, finitude da existência, equilíbrio, sentido da vida (entre outros) sempre me atraíram. Será que o ser humano mudou muito nesses últimos milênios ou ele continua o mesmo da época dos filósofos pré-socráticos?

Imaginar a vida como uma grande e interminável caminhada em busca da plenitude do ser é o que me fez escrever estas páginas.

O desenvolvimento humano

Como o ser humano se desenvolve ao longo da vida? Durante muitos séculos o estudo da personalidade humana se deteve mais na idade adulta. Não se tinha noção da importância da infância e muito menos da adolescência na vida das pessoas.

Praticamente se considerava três estágios: infância, adultez e velhice, mas sempre com prioridade para a vida adulta. A grande mudança de interesse foi causada por Sigmund Freud (1856-1939), quando disse que as crianças já nascem com pulsões sexuais e os pais são objetos desses instintos (GAROZZO, 2004). Obviamente isso chocou a sociedade conservadora da época, mas a partir de então cada vez mais houve estudos sobre fases do desenvolvimento antes negligenciadas.

A prova disso são as modificações que ocorreram a partir de então:

Ao final do século XIX, diversas tendências importantes estavam preparando o caminho para o estudo científico do desenvolvimento infantil [...]. A ideia de que o desenvolvimento continua depois da infância é relativamente nova. A adolescência não era considerada um período separado de desenvolvimento até o início do século XX (PAPALIA e colaboradores, 2006, p.47).

A infância não foi mais vista como uma fase só. Freud identificou várias fases do desenvolvimento psicosssexual, sendo as fases descritas como oral, anal, fálica, latência e genital.

Segundo Huffman e colaboradores (2003), a fase oral vai desde o nascimento até o fim do primeiro ano de vida (aproximadamente). A libido se concentra na boca, sendo libido a energia aproveitável para os instintos de vida. A fase anal vai do primeiro ao terceiro ano, quando a libido é usada para controlar os esfíncteres. A fase fálica vai dos três aos seis anos, e é quando ocorre a superação do complexo de Édipo. A criança se atrai pelo genitor do sexo oposto para depois se identificar com o genitor do mesmo sexo. A quarta fase é a fase de latência, que vai dos seis aos doze anos, e é o início da fase escolar e o mais importante é a interação com pessoas da mesma idade e sexo. Por fim, vem a fase genital, que vai dos doze anos e segue adiante e é quando a pessoa vai conseguindo estabelecer relações íntimas com o sexo oposto.

A partir desses estudos iniciais, a adolescência passou a ganhar muitas e meticolosas pesquisas, se tornando tão importante quanto a infância. Aberastury e Knobel (1992) até entendem que existe uma síndrome da adolescência normal, que ocorre por volta dos 12 aos 18 anos.

Nessa fase há características bem marcantes, tais como a necessidade de fantasiar, crises religiosas, busca da própria identidade, evolução sexual manifesta, tendência grupal, rebeldia em relação aos pais ou figuras de autoridade, estranhamento pela perda do corpo infantil etc.

Segundo Huffman e colaboradores (2003), o que mais se destaca nessa fase da adolescência é a grande mudança que ocorre na personalidade da pessoa, pois ela deixa de ser criança, mas ainda não é adulta. É a fase dos questionamentos e da rebeldia, onde tudo parece ser colocado em dúvida, mesmo questões mais simples e dadas como óbvias, tais como a autoridade dos pais, o valor da educação escolar, a importância da religião e outros aspectos presentes na vida da maioria dos jovens.

Um dos conceitos mais bem aceitos de personalidade diz que se entende por personalidade o conjunto de “padrões únicos e relativamente consistentes de pensamentos, sentimentos e comportamentos de um indivíduo” (HOCKENBURY; HOCKENBURY, 2003, p. 369).

Embora possamos ter muitas coisas em comum com outras pessoas, como a cultura e a classe social, desenvolvemos de modo diferente nosso modo de ser no mundo. Mesmo entre irmãos, com carga genética e educação compartilhadas, há sempre um diferencial na maneira de ver a realidade, pois eles podem adotar valores diferentes para suas ações.

Logo após a adolescência vem o início da vida adulta, que geralmente é marcada pelos anos de estudos universitários e/ou a entrada no mercado de trabalho. Os questionamentos aumentam e sempre novas decisões precisam ser tomadas. O sentimento de tribalismo da adolescência (pertencer a um grupo com comportamentos semelhantes) vai dando lugar a uma sensação de solidão, pois se percebe que ninguém vai viver a vida por você.

Além disso, os relacionamentos afetivos se tornam mais sérios e uma pergunta que se destaca é: o que eu realmente quero da vida? O que o ser humano almeja ao longo de sua existência?

A filosofia traz em seu bojo reflexões milenares sobre esses questionamentos. Cabe destacar alguns pensadores exponenciais, sabendo que não é possível abarcar toda a sua obra em tão pouco espaço.

Mesmo assim, com esse resgate objetivamos perceber que não há uma resposta única para essa questão do propósito da vida humana, sendo que são diversos os rumos que uma pessoa pode tomar na tentativa de se realizar.

Garvey e Stangroom (2013), ao repassarem a história da filosofia, destacam as principais motivações do ser humano. Entende-se por motivação o impulso por agir que vem de dentro da pessoa, enquanto o estímulo é o impulso que vem de fora. Crianças, por exemplo, precisam ser estimuladas, mas os adultos conseguem agir com bases nos seus ideais e valores, convivendo com estímulos e motivações.

Um desses esses autores, Tales de Mileto, considerado o primeiro grande filósofo da Grécia Antiga, entendia que ser feliz era ter saúde, sorte e uma alma bem formada. Ele foi um dos primeiros filósofos a se destacar naquela época, quando os gregos formavam o principal berço da civilização ocidental. Será que esse conceito de felicidade se mantém nos dias atuais? Creio que não, pois os objetivos parecem ser mais sociais e financeiros.

Já Sócrates priorizava a alma e não o corpo, e entendia que a felicidade verdadeira só era obtida com a prática da virtude e da justiça. É dele a famosa frase: “conhece-te a ti mesmo” (GARVEY; STANGROOM, 2013, p.66). Esse autoconhecimento é um desafio constante, que

perpassa século e permanece até os dias de hoje, embora se percebe que a maioria das pessoas não gostem de pensar a seu próprio respeito.

Platão introduz o dualismo antropológico, dizendo que o homem é constituído de corpo e alma, sendo que somente na alma é que ele vai conhecer a plenitude da vida, com valores como a beleza, a bondade, a justiça e a verdade em sua totalidade.

O mundo material, para ele, não passava de uma sombra do mundo real e deveria ser colocado em uma posição secundária em relação à alma, pois enquanto esta é eterna, o corpo é passageiro. Pode-se dizer que Platão foi o primeiro reencarnacionista do mundo ocidental, pois entendia que o ser humano tinha que viver várias vezes até sua alma chegar ao desenvolvimento pleno.

Já Epicuro considerava o homem um ser em busca de prazer, de uma vida voltada para o hedonismo. Não seria uma vida desregrada, mas uma vida em que a prioridade era a satisfação pessoal e a alegria. Essa mentalidade, por sinal, é muito valorizada nos dias de hoje pois é fomentada pelos meios de comunicação social para aumentar o consumo de toda sorte de produtos, mesmo os mais desnecessários.

Em contrapartida havia os filósofos estoicos, que entendiam que a realização humana se dá no cumprimento do dever (MAGEE, 2001). A sensação do dever cumprido superaria todos os outros prazeres da vida.

O General Osório, famoso militar brasileiro, costumava dizer que era fácil a missão de comandar homens livres, pois bastava mostrar-lhes o caminho do dever, ou seja, é o bom uso da liberdade que enaltece ainda mais o dever.

Resgatando tantas ideias de filósofos tão importantes pode-se perceber que não há uma visão única de ser humano. Alexis Carrel, ganhador do Prêmio Nobel de Medicina de 1912, lançou em 1935 um livro que se tornou um best-seller mundial, intitulado *O homem, esse desconhecido*, mostra o quanto ainda temos que aprender sobre o ser humano (CARREL, s.d.).

Esse enigma a respeito do ser humano ficou mais bem definido com a colaboração da psicologia.

Os mistérios da mente

Para Schultz e Schultz (2002), a psicologia se tornou uma ciência independente da filosofia em 1879 quando Wilhelm Wundt, um médico alemão, criou o primeiro laboratório de psicofísica na Universidade de Leipzig, na Alemanha. O objetivo era estudar e mensurar as diferenças individuais, como em reações a estímulos sensoriais. Como a filosofia não tinha laboratórios, a psicologia conseguiu métodos próprios de análise do ser humano.

Pode-se dizer que:

Apenas um psicólogo muito polêmico contestaria a afirmação de que a psicologia como ciência experimental começou com a criação do primeiro laboratório de pesquisa do mundo por Wilhelm Wundt, na Universidade de Leipzig, em 1879 (HOTHERSALL, 2006, p. 103).

Esse marco histórico só veio evidenciar ainda mais o interesse crescente pelas diferenças individuais. Como duas pessoas da mesma época, da mesma idade e da mesma cultura podem ter personalidades tão diferentes?

Um exemplo desses estudos foi a divisão feita por Friedrich Schiller (1759-1805), poeta, médico e filósofo alemão que, ao estudar o comportamento humano, dividiu as pessoas em dois grupos: os realistas e os idealistas (JUNG, 1987).

Os indivíduos realistas costumam ser mais práticos, mais direcionados à ação, sendo mais expeditos quando se propõem a fazer algo. Já os idealistas são mais teóricos e cultivam por mais tempo as ideias antes de colocá-las em prática.

No entanto, foi o próprio Jung que melhor classificou as diferenças entre as personalidades humanas. No clássico de sua autoria, intitulado *Tipos psicológicos*, publicado pela primeira vez em 1920, ele divide as disposições típicas da consciência em dois tipos: introvertido e extrovertido.

O tipo extrovertido está dirigido para o mundo externo, para fora, e tem mais facilidade de se adaptar ao ambiente. Ele é mais sociável, se sente bem em grupos, gosta de festas e valoriza mais a opinião dos outros do que a sua (JUNG, 1987).

Já o tipo introvertido tem um mundo interno mais rico e, devido a isso, prefere ficar mais sozinho do que em sociedade. Ele valoriza mais os seus pensamentos do que a opinião dos

outros e costuma parecer deslocado em ambientes com muitas pessoas. Ele é mais calmo e tranquilo do que o tipo extrovertido (JUNG, 1987).

Essa “distinção entre as pessoas depende do fato de elas habitualmente darem mais ênfase à importância de eventos objetivos externos ou eventos subjetivos internos” (STEVENS, 2012, p.99).

Sobre a personalidade humana pode-se também dizer que ela é muito influenciada pela cultura em que a pessoa está inserida e em que época ela vive. Um exemplo evidente disso é a Idade Média, quando os maiores filósofos eram cristãos e viviam centrados na culpa e no pecado. O grande pensador da época foi Santo Agostinho (354-430), sobre o qual se pode dizer:

Segundo a teologia agostiniana, a natureza humana é, por essência, corrompida, estando na fé em Deus a remissão, a salvação. [...] Essa visão pessimista em relação à natureza humana foi substituída na Baixa Idade Média por uma concepção mais otimista e empreendedora do homem, com a filosofia escolástica, que procurou harmonizar razão e fé, partindo do pressuposto de que o progresso do ser humano dependia não apenas da vontade divina, mas do esforço do próprio homem (VICENTINO, 2000, p.157).

Pode-se deduzir dessa mentalidade que as pessoas daquela época eram muito mais reservadas, pendendo a serem mais introvertidas e inseguras, pois tinham medo de errar e aumentarem ainda mais seu sentimento de culpa.

Com a chegada do Renascimento no século XVI, no período pós Idade Média, começa a brotar na sociedade um sentimento de mais autonomia, de desejo de liberdade e individualismo. É como se as pessoas descobrissem que também existe vida antes da morte, e não só na eternidade. Além disso, elas perceberam que tinham o direito de usufruir dessa vida desde o momento presente.

A bem da verdade deve-se registrar que na baixa Idade Média começaram a surgir as primeiras universidades, geralmente no seio da Igreja Católica, pois os conventos eram também lugares de conhecimento, onde as bibliotecas traziam e acumulavam um saber universal.

A expansão marítima, que trouxe o Mercantilismo e a Revolução Comercial, a descoberta de novas terras, a Reforma luterana e a invenção de Gutemberg (que desenvolveu a primeira máquina de impressão) fizeram com que o assim chamado Renascimento causasse uma grande diminuição na autoridade e na influência da Igreja Católica (VICENTINO, 2000).

Infelizmente o tão sonhado anseio por liberdade não se concretizou por completo. As diversas Igrejas continuavam pautando o agir humano e surge o período chamado de Absolutismo, onde monarcas tinham autoridade máxima sobre a sociedade.

O Absolutismo, por sua vez, deu origem ao Iluminismo, pois as universidades desvinculadas das Igrejas fomentavam o espírito crítico. Isso foi um passo decisivo para o surgimento do Estado Moderno, principalmente após a Revolução Francesa (1789).

O *zeitgeist* daquela época era de euforia, pois tinha-se plena confiança de que as luzes da ciência iriam ofuscar de vez as trevas do obscurantismo, tão presente na Idade Média.

O preço da liberdade

No entanto, as décadas seguintes mostraram que a ciência e o desenvolvimento cultural não resolvem tudo. Um exemplo disso são as duas grandes guerras mundiais na primeira metade do século XX, em que cerca de 90 milhões de pessoas morreram.

O excesso de tecnologia e o desenvolvimento bélico deu às grandes nações um sentimento de onipotência, fazendo-as acreditar que poderiam dominar o mundo. Além disso, os inimigos pareciam ser bem evidentes, como os nazistas, por exemplo.

Atualmente os conflitos são bem mais sutis e podem estar disfarçados nos meios de comunicação social, no uso de drogas e de hipervalorização do ter. Não é à toa que as seitas crescem muito nos tempos atuais, gerando fanatismo tanto a nível político quanto religioso. Elas passam uma falsa sensação de segurança aos que não sabem que rumo tomar.

A humanidade se colocou em xeque: teria o *século das luzes* sido um acerto? O Positivismo de Augusto Comte, que queria criar a religião da ciência e desacreditar as religiões tradicionais, teria sido um erro?

Surge na Filosofia uma nova Escola de pensamento para refletir sobre essas questões. Ela foi chamada de Existencialista. Seu fundador foi Søren Kierkegaard (1813-1855), dinamarquês que já no século XIX refletia sobre problemas humanos que se evidenciariam no século seguinte. Dessa forma, “o indivíduo acha em sua própria identidade um problema, e espera descobrir sentido na vida mediante a investigação do mistério de sua própria existência” (MAGEE, 2001, p. 208).

Em uma de suas obras, intitulada *O desespero humano*, Kierkegaard (1961) refere que uma das tragédias do mundo moderno é que o ser humano nunca se deparou com tantas informações e com tanta liberdade, mas não sabe o que fazer com elas.

Se decide errado, o indivíduo se sente culpado, mas se não age, fica protelando decisões que se faziam necessárias em sua vida. É o que se chama de procrastinação, ou seja, ficar sempre deixando para depois o que teria que ser feito de imediato.

No meu modo de ver, o mundo atual sofre com uma crise de orientação e de autoridade. As famílias estão mais desestruturadas, as pessoas não sabem mais em quem confiar e a tradição enfraqueceu muito. As pessoas então se perguntam: então, o que devo fazer? A resposta deveria vir do íntimo de cada pessoa, mas geralmente elas adotam soluções prontas de quem se diz dono da verdade.

Já Jean Paul Sartre (1905-1980), outro grande filósofo existencialista, tinha um pensamento pessimista em relação à convivência humana, mas exaltava mais a necessidade de ação. Ele dizia que não adianta ficar lamentando o passado, pois entendia que não importava tanto o que fizeram com uma pessoa, e sim o que ela vai fazer com o que fizeram com ela, ou seja, há sempre uma esperança na transformação para melhor (MAGEE, 2001).

Para finalizar essa retrospectiva existencialista é importante resgatar Albert Camus (1913-1960), argelino e amigo de Sartre, que considerava a vida um absurdo. Ele foi o ganhador do prêmio Nobel de literatura de 1957 e em uma de suas obras, intitulada *A morte feliz*, ele coloca que o paradoxo da existência está em lutarmos pela felicidade ao mesmo tempo que temos que aceitar a inevitabilidade da morte.

Em outra de suas obras, intitulada *O mito de Sísifo*, publicada em 1942, ele declara o seguinte: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia” (MAGEE, 2001, p.217).

Surge uma das mais famosas reflexões do Existencialismo: depois de duas grandes guerras mundiais, quando a vida humana foi tão desprezada e desvalorizada, será que vale a pena viver?

Os quatro caminhos

É possível afirmar que o que faz a vida valer a pena é o que motiva a pessoa a seguir adiante. Na psicologia vamos encontrar três dos quatro caminhos possíveis para responder essa pergunta.

O primeiro deles é dado por Freud que, resumidamente, pensava que o que movia o ser humano é a **vontade de prazer**, a ausência de tensão, chamada de homeostase. O objetivo maior dessa corrente é evitar a dor e o desconforto. Homeostase é a busca do equilíbrio, mas priorizando o aspecto biopsíquico e deixando de lado a dimensão transcendental.

Como exemplos, podemos citar: uma pessoa com muita fome fica tensa, irritada, mas depois de se alimentar volta ao estado normal. O mesmo caso vale para o sono ou para a tensão sexual. Satisfeito o desejo, tudo se estabiliza (FADIMAN; FRAGER, 1979).

O segundo caminho é apontado por Alfred Adler (1870-1937), psicólogo austríaco e inicialmente discípulo de Freud, que entendia que o que move o ser humano é a vontade de poder. O objetivo maior seria a pessoa se sentir forte o suficiente para não necessitar de ninguém e se sentir até maior do que as outras.

Em tudo o que uma pessoa faz está embutido consciente ou inconscientemente o desejo de superar o complexo de inferioridade que ela carrega desde que nasceu. Uma criança é totalmente dependente de seus cuidadores por muito tempo. Sendo assim, ela parece querer provar para si mesmo que já é capaz de se autogerir, além de obter satisfação de se sentir superior aos outros (FADIMAN; FRAGER, 1979).

O terceiro caminho é indicado por Viktor Frankl (2020), médico austríaco e amigo de Freud, que indicava que o que move o ser humano é a **vontade de sentido**. O objetivo maior dessa corrente é a pessoa ser capaz de transcender suas necessidades, sem negá-las.

Ele é o criador da Logoterapia, a psicoterapia baseada na busca e realização do sentido da vida. Frankl esteve na PUCRS em abril de 1984, tendo sido condecorado pela máxima láurea acadêmica, que é o título de Doutor Honoris Causa.

Esse é um título honorífico concedido a professores ou cientistas que não fazem parte do quadro de professores da universidade e que contribuíram de forma significativa para a ciência, arte ou cultura. O homenageado é convidado a ministrar uma aula magna e depois recebe a condecoração.

Frankl (1905-1997) é autor de vários livros, sendo o seu best-seller o que tem o título de *Em busca de sentido*, com mais de 30 milhões de cópias vendidas, em que ele conta como sobreviveu durante anos como prisioneiro em campos de concentração.

Para ele, o homem é tridimensional, sendo suas dimensões a biológica, a psicossocial e a espiritual. A dimensão espiritual é a mais íntima e a única incondicionada, sendo que só os seres humanos a possuem (FRANKL, 2020).

É nessa dimensão que estão valores como a liberdade, a arte, o amor, a criatividade, a fé, entre outros. Não é necessariamente uma questão religiosa, embora quem tenha fé mais facilmente entende e desenvolva essas características.

Freud destacava o inconsciente pulsional; Jung destacava o inconsciente coletivo, enquanto Frankl salientava o inconsciente espiritual. São facetas diversas do mesmo inconsciente. Para Frankl (2020), o homem tem corpo e alma, mas é espírito. Cabe lembrar aqui que o conceito de alma se referia antigamente ao que hoje entendemos por mente.

Segundo Xausa (1986, p.115):

A visão científica de Frankl está inspirada numa visão filosófica e mantém ligação com algumas linhas de pensamento que caracterizam a filosofia do século XX [...]. As origens mais remotas poderiam se encontrar em Sócrates, Agostinho, Pascal e Kierkegaard.

O quarto caminho não provém de nenhum psicólogo ou filósofo ocidental, mas sim de um dos maiores nomes da Filosofia Oriental: Sidarta Gautama, mais conhecido como Buda, e tido como um dos gênios da humanidade. Suas ideias atraem até os dias de hoje, tendo cerca de 500 milhões de seguidores.

Sidarta era um príncipe rico e poderoso. Tinha esposa e filho, mas vivia praticamente cercado num castelo, onde só coisas boas aconteciam. Com 28 anos ele foge para conhecer o mundo e fica impactado com tanta dor, desigualdade, pobreza e injustiça (GYATSO, 2017).

Tendo uma alma nobre, ele ficou profundamente triste com aquela nova realidade e fez um voto para si mesmo: iria dedicar o restante da sua vida para acabar com o sofrimento humano.

Doou as suas roupas e nunca mais voltou ao palácio. Foi jejuar e meditar, buscando a iluminação espiritual. Esse processo durou sete anos até que, meditando na beira de um rio, ele viu um balseiro encalhar seu bote nas duas margens, só conseguindo seguir em frente quando procurou navegar no centro do curso d'água.

Naquele momento ele teve um grande *insight*: ele descobriu o caminho do meio e se tornou um buda, que justamente quer dizer “o iluminado”. A palavra chave que resultou dessa descoberta é equilíbrio, portanto pode-se dizer que o quarto caminho é pautado pela vontade de equilíbrio.

Segundo Gyatso (2017), entre os principais ensinamentos do budismo estão as quatro nobres verdades, que são como o ponto de partida para o discípulo que quer começar sua caminhada espiritual

A primeira grande e nobre verdade ensinada por Buda é que a vida é sofrimento. Querer fugir ou negar isso é contrariar a realidade. Um dos principais sentimentos que faz da vida um sofrimento é o excesso de desejos, principalmente os desejos que não conduzem a uma elevação espiritual. Sendo assim, saber controlar e diminuir os desejos faz a pessoa se tornar mais livre desse mundo.

Qual desses quatro caminhos devemos tomar?

Certamente a resposta é individual e vai ao encontro da intimidade de cada pessoa. No entanto, a sociedade atual parece ter tomado rumos em direção a um individualismo cada vez maior, ou seja, valorizando mais o prazer e o poder.

Gelson Roberto (2012, p.364) assinala bem as características da neomodernidade:

Um dos sintomas principais desse processo é o deslocamento do ego para o centro da vida psíquica, num estado de egocentrismo chamado atualmente de neointividualismo. Outro sintoma é o hedonismo com seu culto à imagem, que é chamado de hiper-real, onde a imagem é sempre mais viva, importante do que a realidade.

Sendo assim, para uma adequada integração desses quatro caminhos temos que focar em conciliar saúde, mente, espiritualidade e inserção na sociedade.

Se o mundo prioriza prazer e poder, não cabe a nós priorizarmos sentido e equilíbrio?

O certo é que por mais que reflitamos sobre nossas escolhas, por mais que estudemos e nos aconselhamos, a vida sempre será uma espécie de grande aventura, onde sabemos de onde partimos, mas não temos certeza quando e onde iremos parar.

Quanto a mim, tenho certeza de que cometi alguns enganos, mas sempre procurei fazer o melhor possível para mim e para os outros. Se cheguei até onde estou hoje e ao que sou hoje é porque os acertos foram maiores que os erros. Só tenho que agradecer à Vida por tudo isso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O eterno recomeço

Há muito tempo venho querendo escrever essa história sobre dois amigos. Isso porque nenhum autor fica imune à sua obra. Consciente ou inconscientemente vamos agregando lembranças, experiências, acertos e enganos que acumulamos ao longo da vida.

A vida é sempre um cobertor curto. Ganhamos por um lado e deixamos de ganhar (ou perdemos) por outro. No entanto, para quem sabe ver a vida com bons olhos, envelhecer não seria uma grande maneira de acumular juventude?

Enquanto tivermos curiosidade, vontade de aprender e principalmente coragem de mudar sempre será possível não cairmos no estereótipo da terceira idade solitária, triste e monótona.

Quando iniciei o curso de Escrita Criativa muitos me taxaram de ousado, inquieto, inconformado, entre outras coisas. Procurei transformar tudo isso em elogios, até porque reconheço que foi muito desafiador entrar numa turma em que a maioria dos colegas tinha idade para serem meus netos.

Felizmente fui bem aceito por todos: colegas e professores. E só tenho a agradecer a oportunidade de sempre mais me aperfeiçoar em todos os sentidos.

Este Trabalho de Conclusão de Curso me deu a oportunidade de garimpar, resgatar e organizar ideias que me acompanham faz tempo. Quando vejo essas ideias colocadas no papel, me sinto muito satisfeito por poder tomar sempre mais consciência da importância que elas têm para mim.

Para finalizar, recordo meus mestres passados e chego a achar engraçados os bons ensinamentos que eles me transmitiram. Quando terminei a graduação em Psicologia, me veio aquela presunção de saber tudo sobre o ser humano.

No entanto, meus orientadores tanto do trabalho de conclusão, da monografia de especialização, da dissertação de mestrado e também da tese de doutorado sempre me alertavam: “Este não é o trabalho da sua vida”.

“Puxa! Que desânimo! Então qual vai ser o trabalho da minha vida?” – pensava eu. Será que tem algo de significativo ainda para aprender?

Hoje eu vejo que eles tinham razão. O trabalho da minha vida é um eterno recomeçar, com a humildade de um jovem que se põe a caminhar em direção à linha do horizonte. Isso vale também para este Trabalho de Conclusão de Curso. Aprendi tanto com ele que quero continuar adiante, recomeçar a minha jornada indefinidamente, até que minha vida permita.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Tradução de Suzana Maria Ballve. 10.ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CAMUS, Albert. **A morte feliz**. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CARREL, Alexis. **O homem esse desconhecido**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. Porto (Portugal): Educação Nacional, s.d.
- FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. Tradução de Daniel Bueno. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.
- FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. Tradução de Carlos Cardoso Aveline. 42.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2020.
- GAROZZO, Filippo. **Sigmund Freud**. 2.ed. São Paulo: Três, 2004.
- GARVEY, James; STANGROOM, Jeremy. **A história da filosofia**. Tradução de Cristina Cupertino. São Paulo: Octavo, 2013.
- GYATSO, Geshe Kelsang. **Introdução ao budismo**. Tradução de Tharpa Brasil. São Paulo: Tharpa Brasil, 2017.
- HANNAH, Barbara. **Jung: vida e obra**. Tradução de Alceu Fillmann. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- HOCKENBURY, Don H.; HOCKENBURY, Sandra E. **Descobrimos a psicologia**. Tradução de John Keeling e Eliana Keeling. São Paulo: Manole, 2003.
- HOTHERSALL, David. **História da psicologia**. Tradução de Elaine Pepe e Eliane Fittipaldi. 4.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.
- HUFFMAN, Karen; VERNON, Mark; VERNON, Judith. **Psicologia**. Tradução de Maria Emília Yamamoto. São Paulo: Atlas, 2003.
- JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. 22.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963.
- JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Tradução de Álvaro Cabral. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O desespero humano**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. 5.ed. Porto (PT): Tavares Martins, 1961.
- MAGEE, Bryan. **História da filosofia**. Tradução de Marcos Bagno. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Tradução de Daniel Bueno. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ROBERTO, Gelson Luis. Reencontro com Deus. In: DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly (org.). **Conectando ciência, saúde e espiritualidade**. 2.ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2012.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. Tradução de Adail Sobral e Maria Estela Gonçalves. 16.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

STEVENS, Anthony. **Jung**. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VICENTINO, Cláudio. **História geral**. 8.ed. São Paulo: Scipione, 2000.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986.